

NA CAMA COM O IRMÃO DE MADONNA

por Moisés Neto

Estranho este livro de **Christopher Ciccone**, irmão da mulher mais famosa do mundo, a americana (de Detroit) Madonna. Seria uma estratégia de marketing e ela estaria por trás de tudo, também? *“Life with my sister Madonna”* (Simon Spotlight Entertainment. NY, 2008. U\$ 26,00), lançado em julho de 2008, prometia trazer no seu bojo confissões sobre a diva que fariam os interessados ficar de queixo caído, mas as *mentiras desmascaradas* (como a de que ela chegou em N.Y. com apenas U\$ 35) são simplórias. A *narrativa* em si não deixa de ser empolgante, talvez seja o *tempero* da co-autora Wendy Leigh, que já produziu textos campeões de venda, como *A verdadeira Grace: a vida e a época de uma princesa americana*, sobre Grace Kelly. O próprio Christopher chama a atenção de quem gosta de psicologia, pois narra no presente um passado com episódios *pitorescos*. Ex: a *descoberta* da própria homossexualidade (graças a Madonna, que o levou a uma aula de balé e a uma boate gay!) e como ele teve coragem de se *assumir*. Ela também teria vendido maconha ao autor.

É literatura passa-tempo e caça-níquel para quem procura achar nos bastidores as armações da falsa loura vistas, digamos assim, *de baixo para cima?* Talvez. Mas quem se interessa se as calcinhas dela depois dos shows eram recolhidas por ele? Vence o escatológico: Chris teria feito um pacto de sangue com Sean Penn, ex-marido dela (Sean anos depois lhe perguntou: “*você tem AIDS?*”) ou, ainda, a história do carro quebrado no Marrocos e eles tomando *sopa de cabeça de bode* em pleno deserto são de tirar o chapéu. A avó paterna detestava o marido e dormia em quarto separado cheio de santos e velas (ele praticamente recebeu dinheiro para se casar com ela e trazê-la para a América, vindo da Itália). E Elsa Patton? Trata-se de uma “sacerdotisa”, espécie de *mãe-de-santo* de Madonna (banho de ervas, rezar, etc.). Até **Gene Kelly** entra no *buchicho*: é *contratado* e demitido da turnê “*Girlie Show*” (iria coreografar “*Rain*”)!

As frases se atropelam e parecem saídas de um divã de psicanalista laciano, liquidificadas, lançadas em capa dura preta e dourada e sobrecapa com foto-montagem. É escrita que cheira à propaganda na hora em que essa mulher estava às margens de seus cinquenta anos (agosto de 2008) e lançando mais uma

turnê “Sticky and Sweet”. Golpe ou contra- golpe? Notáveis como Andy **Warhol** (“ele só quer tirar uma foto”), Pavarotti (ela diz que todos deviam ser italianos!), **Basquiat** (*muito doido* pintando, vindo do Haiti), Katharine Hepburn (assistindo a peça de David **Mamet**, que Madonna representou cheia de tédio por repetir a mesma coisa todas as noites para uma platéia que envolve os shows).

As fotos são risos à parte.

A maior parte dos parágrafos são curtos, assim como as frases, escritos em inglês simples, vocabulário restrito.

As mansões dela, as 14 horas diárias de trabalho, as saídas quando não estivessem trabalhando... tudo vai se misturando às peripécias da diva e seu amor por dólares e homens: Warren Beatty (15 meses); Tony Ward, um ator de filmes *pornô* (hétero e gay) que apareceu no comercial da **Pepsi** com ela.

Tudo nesta narrativa parece falso como o filme de Alek Keshishian (que mais do que um *documentário*, o autor considera uma “performance” da irmã, a “melhor da carreira dela”). Na frente das câmeras, ela diz “estou deprimida porque a turnê vai acabar”; por trás, ela diz “graças a Deus que vai acabar”. O telefonema para o pai também seria falso, foi a secretária que ligou. Ela lê no filme um poema para Melissa, a secretária, esta se demite por não agüentar mais o tranco, Madonna proíbe que o irmão continue amigo da sua ex-empregada. A cena *na cova da mãe* deles é caricatural. Tudo planejado por ela e ele, sempre bonzinho, pensa em quebrar a câmera na cabeça dela que revelou a todos, na revista **Advocate**, que ele era *gay*. Pobre “Chrissy” (como ela o chamou então e ele odiou, mas não ousou chamá-la de “**Mud**” - lama, apelido que ela odeia) – uma semana depois, a revista “Enriquecer” ligou dizendo que ia publicar uma matéria dizendo que ele tinha AIDS. Ele mostrou o exame negativo e controlou a situação. Isso parece papo de desocupado, este livro é puro *bas-fond* !

A paranóia dele é que a arte dele não presta e que ele sobrevive à sombra da irmã. Puro desabafo, café com bobagem que li como quem come salgadinho doce e coca-cola: Madonna lendo “O alquimista” de Paulo Coelho e querendo gerar um filho, saindo em busca de um “pai” (ir a um banco de esperma ela não quer: a imprensa descobriria!). Ela arranjando um jogador de basquete, mas na festa de aniversário dela uns amigos dele brigam com as *drag queens* convidadas para *animar* o evento. Ela elege **Carlos Leon** para a “cadeira do papai”, isto é ser pai da criança que ela quer gerar e assim formar um lar em New York (depois de conseguir

o que queria, ela rompeu com *Carlos* e mandou trocar as fechaduras do apartamento!); **Guy Ritchie**, o segundo esposo, é apresentado no livro como um descendente de família militar com raiz no século XII – da Escócia.

Quem precisa saber disso? Neste momento pensei em jogar o livro fora.

Voltei. Sob o peso das fofocas: O autor diz usar drogas como “recreação”. Essa é boa. Donatella e **Courtney Love** cheiraram muita coca, só a última cheirou mais de cinqüenta carreiras, **Jack Nicholson** pede um pouquinho e diz que é a primeira vez (gente famosa nunca admite o vício) e começam a bater um papo de drogados, conversa sem compromisso. Madonna então critica o irmão por ter amigas drogadas como **Naomi Campbell** e **Kate Moss**, esta namorando com **Johnny Depp**, que estava morando na mansão de **Bela Lugosi**, Sunset Boulevard acima. Lá, Chris encontrou Johnny tomando uísque com os irmãos **Gallagher** do *Oasis*, envoltos em fumaça de maconha. A irmã chama nosso autor de “**Merdinha**” e passa na cara o que fez por ele e o dispensa acusando-o de *bêbado-drogado*. Puro Nelson Rodrigues, eu pensei. E me entusiasmei pensando em *Asfalto Selvagem... Bonitinha Mas Ordinária, Vestido de Noiva*.

Algo cheira a verdade aqui... nasce **Lourdes Maria** (*Lola*, a filha dela).

Em muitas partes este livro lembra o *inferno* em que **Dante** Alighieri colocou os seus desafetos. O livro faz-nos ser o irmão da Madonna. Estar naquele mundo. Testar fragilidades e usar aquelas jóias ou ser proprietário daquilo como no antigo jogo chamado Monopólio, que o autor e a irmã jogavam na adolescência.

Nasce **Rocco**, filho dela e Guy em 11/08/2000 em L.A. e eles vão morar na Inglaterra definitivamente, numa época em que o politicamente correto vale mais do que a honestidade. O segundo casamento de Madonna na catedral de Dornoch é cercado de pompa e circunstância: o bebê do casal vestia um Versace de 45 mil dólares, branco e dourado (presente de Donatella). Sting cantou a “Ave Maria”. A cerimônia durou 30 minutos. De volta à “casa”, o noivo e o bebê vestiram um *kilt* do clã Mackintosh. Depois puseram outra roupa e a festa esquentou madrugada a dentro.

Mergulhada na **Cabala** (KABBALAH): “No *hocus-pocus*. Nothing to do with religious dogma”, a superstar do dólar age como se esse movimento espiritual respaldasse as decisões dela. Com Deus ao seu lado, Madonna usa a cabala como uma arma.

As últimas “aparições” do livro são hilárias: **Farrah Fawcett** é uma delas, a empoar-se seguidamente olhando-se no espelho. Lola (Lourdes Maria) negociando com a mãe (Mad): comer em troca de *vantagens*.

Chris insiste na opinião de que a irmã premedita tudo, até autonominar-se “SRA. RITCHIE” – com Sean ela não deu esta canja. Ela estaria representando o tempo inteiro.

Que importância tem um livro desses? Aqui caberia uma citação de Yehuda Berg, o papa da Cabala: “Lembre-se que tudo está na sua vida para lhe oferecer uma chance de se transformar.”

A pergunta não quer calar: esta publicação poderia servir de estudo do mundo midiático na virada do milênio? Talvez. Este parece ser um motivo para enfrentar as páginas finais. Mas há lacunas neste livro, as negociatas escusas são variadas e não há referências históricas como o 11 de setembro, por exemplo.

As discussões cabalísticas parecem meio patéticas levadas no roldão: “Fazer dinheiro”, “Falar mal das pessoas”, “Encontrar sua alma companheira.”

Entre uma sessão de cabala e outra, Madonna torna a chamar o irmão de *ladroão* e *mentiroso*; ele rebate que ela é a “rainha maligna” com talento medíocre, rainha do mau gosto e que suga dos outros todas as idéias. Mesmo quando em outubro de 2006 inicia-se a ligação de Madonna com o **Malawi**, o lado cínico do irmão vê nisso a comparação com Angelina Jolie, só que a irmã dele incluiria o país africano na adoção, superando assim a outra. Ela aproveita e faz um documentário sobre isso, para atrair mais mídia, embora ajude aquelas pessoas de lá, de “coração”. Chris reclama por nunca ter encontrado com o sobrinho **David Banda** e por mal conhecer Rocco e Lola. Ele exalta o papel de apoio que a família deve exercer e o epílogo abre com uma citação de Cervantes! “O tempo amadurece tudo; nenhum homem nasce sábio” e ressalta (mais uma vez) que Madonna é a mulher mais famosa do planeta e que **Hard Candy** (álbum dela de 2008) e a turnê **Sweet and Sticky** indicam sucesso instantâneo. Ela, que já vendeu 200 milhões de discos.

Resta de tudo isso uma cena dramática: Chris e o pai queimando as memórias de 20 anos do primeiro e ele sentindo a falta da mãe e dizendo que *gosta* de estar ao lado da irmã, que ele e ela são *inseparáveis* em espírito e pelo sangue na aventura da vida.